



TODO DIA ELA FAZ TUDO SEMPRE IGUAL? O COTIDIANO DAS OPERÁRIAS DA FÁBRICA SANTA ROSÁLIA EM SOROCABA (1903-1914)

Kamila Cristiane Vigarani do Nascimento

Graduação em Pedagogia - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Campus Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil

c.vigarani@aluno.ifsp.edu.br

Resumo

No fim do século XIX e início do século XX, a cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, experimentou significativas mudanças econômicas, sociais e urbanas. Esta pesquisa, portanto, pretende investigar o cotidiano das operárias da Fábrica Santa Rosália (1903-1914), na cidade de Sorocaba, enfocando suas experiências de trabalho, sociabilidade e relação com o ideal burguês de feminilidade. Ancorando-se nos estudos sobre a classe operária feminina brasileira de Margareth Rago, buscamos adaptar a metodologia da *fabulação crítica* proposta por Saidiya Hartman para reconstruir o cotidiano dessas mulheres operárias. Procuramos compreender, a partir dos vestígios materiais e arquitetônicos da vila operária dessa fábrica, como essas mulheres performaram, contestaram ou reformularam o ideal burguês de família e feminilidade.

Palavras-chave: mulheres; História de Sorocaba; gênero; cotidiano; operárias.

Abstract

At the turn of the 19th to the 20th century, the city of Sorocaba, in the state of São Paulo, underwent significant economic, social, and urban transformations. This research aims to investigate the daily lives of the female workers of the Santa Rosália Factory (1903–1914) in Sorocaba, focusing on their experiences of labor, sociability, and their relationship with the bourgeois ideal of femininity. Grounded in Margareth Rago's studies on the Brazilian female working class, this study seeks to adapt Saidiya Hartman's methodology of critical fabulation to reconstruct the everyday life of these women workers. Through the material and architectural traces of the factory's workers' village, we seek to understand how these women performed, contested, or reformulated the bourgeois ideals of family and femininity.

Keywords: women, Sorocaba history, gender, everyday life, female workers.



1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é um desdobramento de estudos anteriores realizados no IFSP-Sorocaba que tiveram por objetivo mapear os possíveis locais de produção, difusão e recepção acerca do papel social atribuído às mulheres em Sorocaba. Em pesquisa anterior, procuramos identificar as representações do ser mulher nas páginas do jornal sorocabano *Cruzeiro do Sul* (1903–1907), jornal da elite da cidade, e como ele veiculou, por meio das notícias e dos seus articulistas, o ideal burguês de mulher, centrado no cuidado e na submissão, na obediência aos homens e autoridades, casta e dedicada ao lar. Ao longo da pesquisa, observamos que o jornal, de forma indireta e contraditoriamente, mostrava que a cidade passava por mudanças mais complexas, inclusive no que tange ao papel feminino na sociedade da época. Nas seções de menor visibilidade do jornal, geralmente reservadas aos anúncios nas últimas páginas, apareciam exemplos distantes daquele ideal burguês, como engomadeiras, parteiras, amas de leite, cozinheiras, trabalhadoras domésticas, costureiras, artistas, escritoras e professoras. Essas mulheres, esquecidas pelo jornal e aparecendo nas entrelinhas, evidenciavam a incompletude de qualquer ideal de feminilidade simplista, mostrando que as idealizações, conservadoras ou progressistas, não alcançaram a complexidade das experiências concretas vividas tanto por mulheres dedicadas unicamente ao lar quanto por aquelas que ocupavam as ruas com seu trabalho.

Diante desses resultados, uma dúvida emergiu: como as mulheres de Sorocaba, pertencentes a diferentes classes e raças, negociavam com esse ideal burguês veiculado pelos detentores do poder da cidade? Como esse cotidiano diverso, composto por mulheres de diferentes raças e classes sociais, se entrelaçou com as representações e performances de gênero burguesas da época? Na busca por essas mulheres, escolhemos investigar as operárias da Fábrica de tecidos Santa Rosália. Esse bairro, hoje chamado Santa Rosália, abrigou uma vila operária, com 250 casas, distantes do centro, com ruas não pavimentadas, sem luz elétrica ou água encanada, lugar onde as operárias viveram jornadas extenuantes de trabalho somadas às tarefas domésticas, enquanto lidaram com as desigualdades de gênero dentro e fora do ambiente fabril. Lugar em que também amavam, onde riam e teciam redes de solidariedade e viviam todas as contradições reveladoras da complexidade humana.

Desde o início da pesquisa, desejamos compreender quem eram essas mulheres operárias, não de forma imaginada ou idealizada, mas do modo como ecoavam no real.



Queríamos falar não sobre performances de gênero estanques, mas sim falar sobre aquelas que, por sua própria humanidade, são plurais, difíceis de definir em modelos binários pré-concebidos e que não cabem completas em moldes. Mulheres que transitavam entre o conservadorismo burguês, o anarquismo das progressistas, os ideais católicos e religiosos, o feminino da tradição rural da cidade e os diferentes ofícios socialmente permitidos ou condenados. Buscamos, assim, compreender o cotidiano de mulheres anônimas e comuns, que revelam a pluralidade das experiências de gênero na cidade e no contexto estudado.

Diante de um desafio como este, frente à falta de fontes e aos limites do local institucional de pesquisa, encontrei também o desafio de me constituir a mim mesma no próprio ato de pesquisar. Mais tarde, depois de duas iniciações científicas, e no contato com outras pessoas, textos e contextos, aprendi que falar sobre essas mulheres era também me enunciar. Longe de se tratar de uma iluminação solitária, essas descobertas sobre mim mesma são fruto de um coletivo. Ao me aproximar de autoras e autores como Geni Núñez (2024), bell hooks (2019), Grada Kilomba (2019), compreendi que perguntar sobre o mundo era também voltar para mim mesma. O outro me ajuda a elaborar o vivido. É no encontro com o outro que encontramos sinais de nós mesmas e, no encontro com as operárias, também encontrei um pouco de mim. Me procuro, me torno sujeito, me enuncio, tento negar ou negociar com um ideal de mulher. Encontro humanidade nelas e vislumbro a minha própria. Foi ao caminhar por onde antes havia casa, tanque, fábrica e lazer que reconheci paralelos em meu próprio cotidiano. Há momentos em que o que se estuda deixa de ser apenas campo de pesquisa e passa a atravessar o corpo. E esse atravessamento, longe de se fechar, continua acontecendo, mobilizando. É sempre um estar por vir, um movimento de refazer-se.

2 AS MULHERES E AS FONTES HISTÓRICAS

Em *Minha História das Mulheres*, Michelle Perrot (2019) discute a dificuldade de estudar a história das mulheres, marcada pela escassez de registros que expressam suas próprias vozes. Assim, antes mesmo de iniciarmos a pesquisa, já sabíamos dos obstáculos para acessar as fontes. As mulheres nunca estiveram fora da história no sentido dos acontecimentos que tecem as sociedades, mas, por muito tempo, foram excluídas da História enquanto narrativa e Ciência. Paradoxalmente, muito se falou sobre as mulheres — aquelas imaginadas. Descritas e narradas pelo olhar masculino, essas imagens carregam a marca da

oposição hierarquizada entre o eu e o outro: o homem, racional, inserido na vida pública, com liberdade sexual; a mulher, por sua vez, imaginada como irracional, regida pelas emoções, ligada ontologicamente ao lar e potencialmente profana ou virginal.

Correspondências ou diários íntimos, quando se trata daquelas que sabiam escrever, seriam fontes privilegiadas para acessar o cotidiano e os atravessamentos diários das operárias, justamente por abordarem o íntimo, o privado. Contudo, tais registros muitas vezes não sobreviveram: poderiam ter sido destruídos por elas mesmas ou ignorados por descendentes. Arquivos policiais ou judiciários, em que as mulheres surgem como réis, vítimas ou testemunhas, também seriam potenciais espaços de investigação. Ainda assim, o acesso a esses documentos é limitado, tanto por nossos próprios recursos de pesquisa quanto pela localização, conservação e restrição desses acervos.

Diante dessas lacunas e apagamentos, recorremos a outras estratégias: bibliografia local, análise de mapas e jornais para uma reconstrução do espaço geográfico onde suas vidas se desenrolavam. Além disso, recorremos a bibliografias do mesmo momento histórico, que tratam da vida operária em outras regiões do Brasil, buscando, a partir da articulação desses fragmentos, fabular sobre o cotidiano das operárias da Fábrica Santa Rosália: o que foi sentido, vivido, o que as moldou e o que foi moldado por elas, algo que extrapola os limites das fontes. Como dito anteriormente, trabalhamos com uma escassez de documentação; mas, ainda que esses documentos falassem, quantas lacunas não restariam? Saber o nome e o rosto dessas operárias seria, sem dúvida, uma potência, mas, ainda assim, muito não estaria dito e se perderia. Se desejávamos saber sobre seu existir, sobre como se relacionavam com um determinado ideal e como isso se contrastava com o viver diário, só nos restava, dentro dos limites das fontes e do pensável, imaginar.

Esse contexto nos levou a pensar formas de escrever essa narrativa, negociando na escrita um fazer atravessado pelo corpo das operárias do passado e do meu. Assim, algumas passagens recorrem a minha descrição sensorial e a construção de cenários possíveis, assumindo um caráter experimental, a partir de dados da historiografia geral e de analogias com contextos semelhantes, em diálogo com a proposta de fabulação crítica proposto pela historiadora e crítica literária Saidiya Hartman (2020; 2021). Essas descrições que estarão no texto não devem ser entendidas como reconstituições literais, mas como recurso possível para explorar dimensões subjetivas e relações cotidianas das operárias. A escrita atravessada pelo corpo convida o leitor a perceber não apenas os dados, mas também sensações, ritmos e

presenças, permitindo explorar o que muitas vezes é silenciado, invisibilizado ou registrado de forma fragmentária nos arquivos.

3 METODOLOGIA

Ao tentar encontrar formas de escrever esta pesquisa, encontramos na *fabulação crítica*, aplicada por Saidiya Hartman (2020; 2021), uma possibilidade metodológica. Em linhas gerais, essa metodologia tem como objetivo reconstruir narrativas silenciadas ou apagadas pela história oficial. Em obras como *Vênus em dois atos* e *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*, Hartman narra o seu encontro com a violência e o silêncio das fontes quando estudava seus antepassados e ancestralidade da escravidão estadunidense. Sua escrita é marcada por suas impressões e emoções ao se deparar com arquivos que falavam de violência e morte, ao mesmo tempo em que busca imbuir de subjetividade aqueles que foram excluídos dos registros formais, transformando as lacunas do arquivo em espaços para imaginação e agência.

Ao mesmo tempo, a autora não se compromete a reconstituir a voz dos escravizados, uma vez que sua escrita era

[...] incapaz de ultrapassar os limites do dizível ditado pelo arquivo. Ela depende dos registros legais, dos diários dos cirurgiões, dos livros de contabilidade, dos manifestos de carga dos navios e dos diários de bordo, e, nesse aspecto, ela vacila diante do silêncio do arquivo e reproduz as suas omissões. A violência irreparável do tráfico atlântico de escravos reside precisamente em todas as histórias que não podemos conhecer, que nunca serão recuperadas. Esse obstáculo formidável, ou impossibilidade constitutiva, define os parâmetros do meu trabalho. (Hartman, 2020, p. 30).

Assim, não se trata de simplesmente criar narrativas, como em uma obra de ficção. Os arquivos são lidos de forma crítica, sem serem tomados como verdade absoluta, tornando-se pontos de partida para fabular e criar narrativas que deem conta de expressar o que poderia ter sido vivido. Embora nos inspiremos na metodologia de Hartman, é preciso reconhecer pontos de partida, trajetórias, objetivos e refinamento acadêmico distintos. Enquanto Hartman (2020; 2021) investiga experiências conectadas à violência da escravidão e à busca por ancestralidade como mulher negra, o foco desta pesquisa está nas operárias da Fábrica Santa Rosália, em Sorocaba, no início do século XX. Trata-se de um outro recorte histórico e social, também marcado por outro tipo de apagamento histórico, mas que ainda assim demanda uma

escrita que ultrapasse as bordas rígidas da academia para preencher lacunas nas fontes e acessar subjetividades e contradições inerentes à condição de ser humano.

Sabemos muito pouco sobre os prazeres e dores das mulheres operárias, bem como sobre suas negociações cotidianas. A fabulação crítica apresentou-se, portanto, como um lugar de possibilidade, exploração, imaginação e tentativa de recapturar esses afetos. Essa tarefa se configura como uma busca pelo equilíbrio entre a tentativa de trazer à tona subjetividades e o apoio nos vestígios disponíveis, responsáveis por fundamentar e ancorar a narrativa. É a construção de algo que, embora não esteja explícito nas fontes, não é impensável de ter acontecido.

Inspirada pelas possibilidades que encontrei na escrita de Hartman (2020; 2021), procedi da seguinte forma: andei pelo bairro Santa Rosália incontáveis vezes, tirei fotografias e fiz anotações registrando minhas impressões durante essas caminhadas. Imaginava como era a vida das operárias, questionava por que alguns espaços físicos ainda estão presentes enquanto outros foram destruídos, refletia sobre o que eu sentia ao imaginá-las e tentava imaginar o que elas sentiram. Era uma espécie de comunhão entre presente e passado: tentava escutá-las, vê-las e senti-las, e, assim, também escutava, via e sentia a mim mesma. Para ancorar minha sensibilidade, procurei pesquisas já realizadas sobre a vida de operárias em outras cidades no mesmo período e me aproximei de teóricas que me ajudassem a definir melhor tanto meus sentimentos quanto os delas. Construí uma espécie de diário, que será transposto aqui, permitindo que o leitor tenha diante de si a arte do percurso de construção da pesquisa, assim como as lacunas que procuramos delimitar e aquelas que permanecem em aberto.

4 OLHAR O QUE SE PERDEU

24 de setembro de 2024, à tarde. O sol quente incomoda a pele. Saio do Instituto Federal de Sorocaba e me direciono ao prédio vizinho. Caminho exatos dois minutos e ao lado me deparo com um prédio enorme. Meus olhos se voltam para a fachada, hoje já muito comprometida, de um lugar que outrora abrigou uma fábrica de tecidos, a fábrica de tecidos Santa Rosália. Observo atentamente a imponente construção de tijolinhos coroada por uma grande chaminé. A antiga fábrica, porém, perde cada vez mais espaço para as modificações atuais. Algumas de suas grandes janelas em arco estão cobertas por uma camada de cimento

e tinta branca. Outras, ainda guardando a vidraria, revelam tijolos bloqueando o olhar. Ao atravessar suas portas, mais se dissolve. No mercado de hoje, não há sinais do que existiu antes; sua teia de sentidos vai se desmanchando como um tecido gasto pelo tempo e remendado inúmeras vezes¹.

Saio pelo estacionamento desse mercado e olho em direção à rua Zico, onde encontro duas palmeiras imperiais. Antes, essas grandes árvores ornamentavam uma primitiva vila operária e marcavam o início do perímetro da Fábrica Santa Rosália. Se minha caminhada seguisse por aquele trajeto há cerca de um século, eu ouviria sussurros à beira de um tanque de água e risos cortando o ar de um campo de futebol improvisado. Continuo o trajeto, agora em direção ao rio Sorocaba. Entre a antiga fábrica e o rio que atravessa a cidade, os prédios — alguns em uso, outros aparentemente abandonados — ocupam minha visão e me impedem de avistar a água de longe. Antes, talvez, fosse diferente. Talvez as operárias pudessem ver o brilho do rio logo ao saírem da fábrica. Hoje, ele não parece mais fazer parte da cidade: é uma mera composição da paisagem, sem utilidade, esquecido, apodrecido. Não se ouve mais a vida que antes o habitava: os cantos dos pássaros, as roupas sendo batidas às margens, as trocas de memórias, as crianças brincando, os risos atravessando a lona de um circo. Nem mesmo a possibilidade de silêncio permanece. Hoje, a cidade o consome, engole.

Nessa caminhada entre o rio e a antiga fábrica, que outros detalhes chegariam aos meus sentidos em outros tempos? Quais cheiros, sons, cores e pessoas?

Da margem, olho para trás: a fábrica, agora mercado. O que ainda resta?

Esse olhar para o espaço, anteriormente experienciado por outros agentes sociais e com sutis vestígios do passado, nos leva a refletir sobre como esses ambientes impactavam a vida das operárias, tornando-se ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa. O caminhar atravessa também a escrita, possibilitando imaginar trajetos cotidianos, mesmo quando eles são feitos de incertezas e lacunas. Em um primeiro momento, portanto, dediquei-me a compreender a disposição espacial da fábrica e da vila operária. Esse olhar nos permitiu perceber onde as operárias da Santa Rosália viviam, bem como suas possibilidades

¹ Para discussões sobre a produção de lugares de memória oficial nos espaços públicos do centro de Sorocaba, bem como seu contraponto: lugares de memória ocultos ou invisíveis, consulte a dissertação de Carlos Cavalheiro, *Tá vendo aquele edifício, moço? Lugares de memória, produção da invisibilidade e processos educativos na cidade de Sorocaba* (2017). A obra foi essencial para visualizarmos como o centro da cidade se organizava à época e pensarmos quais possibilidades de encontro pulsavam ali.

de sociabilidade e deslocamento. Assim, tornou-se possível revelar fragmentos de suas experiências cotidianas.

Recorri a mapas de Sorocaba entre os anos de 1895, ano da inauguração da fábrica, e 1914, quando a administração passou às mãos do industrial inglês John Kenworthy, que promoveu alterações significativas na vila operária. Imaginei, correlacionei informações, levantei hipóteses e recorri a outras fontes como os jornais *O Operário* e *Cruzeiro do Sul*, o que permitiu aprofundar o entendimento do contexto de Sorocaba no período. Por meio desses periódicos, foi possível identificar o ideal de feminino difundido, os espaços responsáveis por sustentá-lo e os pontos da cidade configurados como locais de lazer, cuidado, encontro com o sagrado e cruzamento de pessoas e ideias. Assim, os dados apresentados a seguir referem-se à configuração espacial da primitiva vila operária de Santa Rosália, limitando-se às características observadas nesse período.

5 A FÁBRICA SANTA ROSÁLIA E SUA VILA OPERÁRIA

Na Sorocaba do fim do século XIX e início do XX, um novo ritmo começou a ser experienciado, pautado pelo apito das fábricas e pelo barulho do trem. O cenário era composto pelo vermelho dos tijolos, por um vai e vem de trabalhadores e pelo desembarque de imigrantes, principalmente aqueles vindos da Itália e da Espanha, na imponente e recém-inaugurada estação da Estrada de Ferro Sorocabana. Próximas à Sorocabana, algumas fábricas de tecidos foram se instalando, favorecidas por uma ferrovia que poderia transportar as mercadorias produzidas até o porto de Santos. A instalação dessas fábricas, por sua vez, impulsionou a expansão da malha urbana, criando e consolidando novos bairros, ampliando ruas. A estrutura urbana foi se complexificando na busca por atender à demanda, sonhada pela classe dominante, de transformar a cidade em um *locus* de modernidade, orientada pelos preceitos da estética, higiene e conforto. No entanto, a paisagem urbana era contraditória: o velho e o novo coexistiam. Junto à estrada de ferro, existiam carros de bois responsáveis por trazer a mercadoria das fábricas à ferrovia. Às margens do rio Sorocaba, existiam espaços reservados para o abastecimento de água, o bebedouro de animais e a lavagem de roupas. Próximas às imponentes fábricas de arquitetura industrial inglesa, as casas simples dos trabalhadores. Como afirma Rogério de Carvalho (2006, p. 187), “[...] os ritmos da desejada Manchester Paulista ainda estavam profundamente entrelaçados com os ritmos do tropeirismo e das práticas das comunidades tradicionais ou caipiras.”

Nesse cenário, surgiu oficialmente em 1895 a fábrica têxtil Santa Rosália, resultado da associação entre o alemão George Oetterer e seu genro Frank Speers, parceiros nos anos de trabalho na companhia São Paulo Railway. A fábrica foi implantada em um amplo terreno de 44 alqueires (aproximadamente 1.064.800 m²)², delimitada pela margem do rio Sorocaba e pelos terrenos da Estrada de Ferro Sorocabana (Massari, 2011). Abrigou uma pequena vila operária independente do centro urbano. Na gestão de Oetterer, a vila contou com apenas três ruas de terra, com 250 pequenas casas, sem rede de esgoto ou iluminação elétrica. Próximo a essas ruas havia um campo de futebol improvisado (onde atualmente se localiza a praça Pio XII) e um tanque de água para abastecimento. Posteriormente, essas ruas receberam os nomes de “[...] Rua São Francisco (a rua principal e que atualmente corresponde à avenida São Francisco), Rua Santana (paralela à principal e que ainda mantém hoje a mesma nomenclatura) e Rua Zico (transversal à principal e que também mantém a mesma nomenclatura) [...]” (Massari, 2011, p. 56)³. O *Almanach Ilustrado de Sorocaba* de 1914 também informa que a vila contava com escola, consultório médico, armazém e casas de diversão, embora não haja indicação da possível localização dessas construções.

É nesse espaço que funcionou simultaneamente como residência, lugar de sociabilidade e também como espaço de resistência e formação política, que as operárias, protagonistas deste estudo, viveram, amaram, partilharam momentos de lazer, desempenharam trabalho remunerado e não remunerado. Inicialmente, a proposta da pesquisa era reconstituir o cotidiano das operárias a partir do trajeto da vila até o centro da cidade, investigando as possibilidades de encontro com outras mulheres que, de diferentes modos, tensionavam ou confirmavam o ideal burguês de feminilidade e família divulgado pela imprensa local. Assim, as operárias se inseriram em uma pluralidade de figuras femininas presentes em Sorocaba: lavadeiras que cantavam às margens do rio, enquanto cuidavam de crianças e trocavam informações; meninas entrando e saindo do Colégio Santa Escolástica, onde se formavam segundo padrões burgueses de boa mãe e esposa; mulheres que circulavam

² Para fins de comparação, essa área corresponde a cerca de 150 campos de futebol.

³ O perímetro de propriedade da fábrica corresponde a esses pontos atualmente: “[...] ponto 1 – esquina da Alameda Kenworthy com a Rua Aparecida; ponto 2 – esquina da Rua Aparecida com a Rua Ângelo Elias; ponto 3 – esquina da Rua Ângelo Elias com a Rua Ana Monteiro de Carvalho; ponto 4 – esquina da Rua Ana Monteiro de Carvalho com a Avenida Dom Aguirre; ponto 5 – esquina da Avenida Dom Aguirre com a Rua Comendador Hélio Monzoni; ponto 6 – esquina da Rua Comendador Hélio Monzoni com a Alameda Kenworthy, voltando ao ponto inicial. Nesse período a vila tinha apenas uma entrada principal (como aos moldes dos atuais loteamentos fechados) localizada próximo à esquina da Rua Aparecida com a Alameda Kenworthy (ponto 1).” (Massari, p.56, 2011)

pelo Largo de Santo Antônio, espaço atravessado por batuques e rodas de umbigada, expressão da cultura negra local. Ao lado, no Mercado Municipal, também era possível imaginar encontros entre trabalhadoras, trocando experiências, cuidando de filhos e tecendo redes de solidariedade. As possibilidades de encruzilhada eram muitas.

6 CAMINHANDO PELA VILA OPERÁRIA

Percebemos, porém, que esse recorte, embora rico, ampliava excessivamente os limites da investigação atual. Ainda que o percurso da caminhada entre a vila e o centro tenha sido abandonado como eixo central, em outros momentos do texto, surgem duas caminhadas desviantes: até o rio e até a igreja Nossa senhora da Ponte. Nesses casos, a caminhada funciona somente como um recurso sensível e narrativo para introduzir reflexões sobre aspectos do cotidiano das operárias. Assim, nos restringimos à vila operária como cenário, e a própria ideia de caminhada foi assumindo outro sentido. Ela forneceu subsídios para encontrar pontos-chave que ancorassem nossa fabulação: a fábrica, o tanque de água, as casas, o rio. A partir desses pontos, pudemos imaginar significados cotidianos: as formas de solidariedade entre mulheres, os atravessamentos da violência, os sentidos do trabalho doméstico e das práticas de cuidado, os gestos de resistência e a possibilidade de uma ação política nas bordas do que se entende como política. Se, em um primeiro momento, a caminhada foi pensada como um percurso espacial, da vila ao centro, buscando encontros e tensões, com o decorrer da pesquisa ela se tornou uma forma de pensar e compor, fornecendo pistas e abertura para compreender o cotidiano das operárias.

6.1 Fábrica: exaustão e sustento

Apressada, a mulher puxa o vestido velho do gancho, prepara o café para o marido e para o filho, recolhe a marmita do dia e calça os sapatos desgastados. Antes de sair, olha o menino e beija sua testa, percebendo que ele permanece quente e ficará sob o cuidado da vizinha. Lá fora, o sol ainda não havia aparecido, mas já era possível ver outras mulheres se encaminhando para a grande construção, com o apito soando ao fundo. Ao entrar na fábrica, são as ordens ríspidas do supervisor e o barulho interminável do tear que a recebem. Na pressa dessa manhã comum, já se revelam dinâmicas que retornarão ao longo do dia: o acúmulo exaustivo de funções dentro e fora da fábrica, a confiança na rede de mulheres para

sobreviver e cuidar, e a diferença entre o vivido e o ideal de mulher propagado pela moral dominante, sempre distante de suas realidades cotidianas.

No contexto brasileiro, especialmente entre as classes populares, o trabalho remunerado ou não remunerado sempre integrou o cotidiano das mulheres empobrecidas. A presença no trabalho, porém, era atravessada por marcadores como a raça. Mulheres negras e imigrantes eram submetidas a distintas formas de trabalho, e o ato de trabalhar carregava também significados distintos. No entanto, entre os séculos XIX e XX, com o desenvolvimento da indústria e a necessidade de mais mão de obra fabril, o trabalho feminino transbordou para as fábricas (Monteleone, 2019). As operárias que compunham o chão fabril eram, em sua maioria, mulheres empurradas ao espaço público para garantir sua subsistência e a de suas famílias. Antes mesmo de estarem diante do tear, muitas daquelas mulheres já haviam se relacionado com os tecidos de outras formas. A linha e a agulha não eram objetos estranhos às mãos femininas: remendar roupas e costurar o enxoval eram treinamentos desde a infância. O trabalho com os tecidos fazia parte do cuidado com a casa, função ocupada pelas mulheres (Monteleone, 2019).

Nas fábricas, porém, esse ofício ganhava novos contornos. A disciplina era rigorosa: havia multas e confiscos por faltas, atrasos e conversas durante o trabalho (Bilhão, 2008). Lidavam com horas extenuantes de trabalho e salários inferiores. Os homens eram os que ocupavam os cargos de poder e detinham também o controle sobre o tempo, o salário e a continuidade da contratação, além de tentarem exercer domínio sobre os corpos das trabalhadoras. O assédio sexual era uma prática recorrente, vinda principalmente dos homens em cargos de poder nas fábricas, o que possibilitava coação por meio de multas, suspensões ou transferências para maquinário danificado (Ribeiro; Pires, 2018). O ato de denunciar ou não o assédio sofrido no ambiente fabril, entretanto, nem sempre era uma possibilidade e não deve ser interpretado unicamente pelo prisma da individualidade, sem considerarmos o campo das relações e as possibilidades concretas da mulher operária. A decisão pela denúncia ou pelo silêncio não corresponde, ou não apenas, a um ato impulsionado pela coragem ou contido pelo medo. A denúncia, nesse contexto, não dependia somente da personalidade da operária, mas da posição que ela ocupava dentro de uma rede de relações de poder, cuidado e sobrevivência. Denunciar poderia significar a perda do trabalho e da promessa de autonomia, ainda que vacilante. Também poderia implicar a perda de uma certa estrutura doméstica — as casas oferecidas pela fábrica — e dos laços de solidariedade construídos. Além disso, a

sobrevivência não se efetivava unicamente pela renda. A fábrica, mesmo em sua violência, deixava escapar sinais desse outro sustento: além de fornecer rendimentos, poderia ser também um lugar onde brotavam redes de solidariedade entre mulheres, que se fortaleciam para além de seus muros.

Ao refletir sobre quais sensações eu queria expressar na seção sobre o trabalho fabril, o que mais se destacava era o cansaço: afazeres contínuos e ausência de tempo para processar o vivido. Esse esgotamento, ainda que em outra escala e contexto, ecoa no presente. Vivemos em uma sociedade cansada: estamos exaustos física e psicologicamente. A produtividade é exigida constantemente, e se atribui ao sujeito a culpa por não atender às expectativas neoliberais. Contudo, talvez o que mais me atravessa seja a falta de tempo para cultivar nossos vínculos. Não temos espaço de escuta e de compartilhamento. Ainda assim, encontro respiros. No ambiente acadêmico, por exemplo, entre disputa, competitividade e dificuldade de olhar para o outro com carinho, há também pequenos encontros que me ajudam a seguir. Percebo minhas angústias como algo socialmente experimentado e aprendo que os aprendizados e afetos compartilhados também sustentam. A fábrica exauria e roubava o tempo, mas, sem cair em binarismos, é possível reconhecer o trabalho também como lugar de criação de afetos. Isso não significa equilíbrio entre esgotamento e alegria, mas que, mesmo em condições duras, brechas poderiam surgir com cuidado e solidariedade.

6.2 Lar: afeto e trabalho contínuo

Há poucas tarefas que se aparentem, mais do que as da dona de casa, ao suplício de Sísifo; dia após dia, é preciso lavar os pratos, espanar os móveis, consertar a roupa, que no dia seguinte já estarão novamente sujos, empoeirados, rasgada. A dona de casa desgasta-se sem sair do lugar; não faz nada, apenas perpetua o presente [...] (Beauvoir, 1967, p. 199-200).

A operária expira como quem deseja libertar um peso contido no corpo e o expediente, enfim, acaba. Ao sair da fábrica com suas companheiras, observa com melancolia o céu colorido por um laranja pujante e pontilhado com algumas estrelas apressadas. O sol já está se pondo sem que ela o tenha apreciado. Os pés doloridos guiam o corpo cansado até seu lar, onde um novo turno começa sem horário definido para início e fim. Pilhas de roupas para lavar, dobrar e guardar. Roupa do marido para remendar. O jantar precisa ser feito, a marmitta do dia seguinte também, e a louça se acumula. O menino, ainda quente, pede cuidados, e ela os oferece entre uma tarefa e outra. Na fábrica, há o

relógio, os comandos do gerente e o apito; tudo marca, incessantemente, o tempo. Em casa, esse tempo se dilui em tarefas contínuas; escorre entre os dedos, acumula-se nas panelas, na agulha, nos cuidados. Não há sirene indicando o fim.

Refeições que são feitas, roupas lavadas, dobradas e guardadas, higiene garantida, criança e marido cuidados e nutridos, tudo isso é trabalho doméstico, trabalho reprodutivo, responsável pela produção e manutenção da vida — sem o qual, do começo ao fim, o ser humano não poderia sobreviver. É um trabalho insistente, mas encoberto sob o véu da invisibilidade; é da esfera privada, da intimidade. Todas as pessoas demandam dele, mas ele é feito quase sempre exclusivamente por mulheres. O trabalho doméstico foi transformado em instinto, fruto de capacidades intrínsecas do feminino e em ato de amor, e presume-se que, por ser instintivo, não custa muito esforço. Porém, é “[...] um trabalho infinito, que, dia após dia, prejudica nosso corpo, nossa sexualidade, nossas relações sociais [...]” (Federici, 2019, p. 50). O tempo investido no trabalho doméstico rouba muito da mulher, inclusive o tempo para si mesma.

Diferentemente do trabalho produtivo, em que o salário — embora injusto — deixa claro que o trabalhador realiza aquela tarefa em busca da remuneração financeira, e não para cumprir uma atribuição inata, o trabalho reprodutivo foi transformado em atributo natural feminino. Além disso, o cumprimento dessa vocação não seria apenas ontológico, mas também supostamente fonte de realização subjetiva plena. No entanto, ser dona de casa não decorre de uma predisposição natural, mas de um processo de normatização envolvendo a colaboração da sociedade e treinamentos diários “[...] realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel e convencê-la de que crianças e marido são o melhor que se pode esperar da vida.” (Federici, 2019, p. 43). Por fim, o trabalho doméstico não se resume à realização de afazeres necessários à manutenção do lar; envolve servir também física, emocional e sexualmente o assalariado. Envolve cuidar das crianças e educá-las para, no futuro, tornarem-se bons trabalhadores ou esposas dedicadas, submissas e disponíveis ao marido. Ela satisfaz a geração atual enquanto gesta, pare e cuida da geração de futuros operários, possibilitando que a grande engrenagem do capitalismo continue funcionando.

6.3 Tanque: o encontro com o outro e partilha

Todo esse trabalho envolve dor, esgotamento físico e emocional. No entanto, isso não significa impossibilidade de concomitância com cuidado, afeição e prazer. Entre uma tarefa e outra, brechas poderiam apresentar-se para a mulher operária: na dobra de um avental no fim do expediente, na conversa à beira do tanque ou do rio, vão-se bordando afetos e laços de solidariedade. Redes tecidas entre as mulheres operárias mostravam-se prática essencial para a sobrevivência e a busca por uma vida digna para a família e a comunidade. Essa busca, contudo, não é garantida: é um fazer diário, cheio de incertezas e lacunas, inerentes à sua realidade.

Essa necessidade se daria, em parte, como resultado das ausências do Estado. Na falta de instituições de ensino, saúde e segurança, mães, filhas, irmãs, netas, avós, vizinhas e comadres apoiavam-se mutuamente para suprir necessidades por intermédio de formas alternativas de cuidado. Entre as formas mais visíveis de solidariedade feminina está a prática de “circulação de crianças” (Azeredo, 2010, p. 586), em que o revezamento para o cuidado dos filhos escapa às bordas do vínculo sanguíneo, mobilizando toda uma rede. Quando um filho se encontrava doente, uma pessoa mais velha precisava de atenção, se a fome apertava o estômago ou se uma situação afligia essa operária, recorria-se a quem? Como em outros contextos populares (Azeredo, 2010), é plausível supor que a operária não recorria ao poder público ou ao patrão, mas aos laços construídos em encontros: à amiga, à vizinha, à benzedeira. Assim, o apoio para o enfrentamento de dificuldades era prática cotidiana, encarnada.

Para fundamentar a ideia de apoio mútuo como uma necessidade, é imprescindível lembrar o recorte temporal desta pesquisa: nossa análise estende-se até o ano de 1914, momento em que a vila operária da Fábrica Santa Rosália ainda estava em fase embrionária. A ampliação e oferta de serviços e infraestrutura seriam incorporadas à vila posteriormente — o que, por sua vez, acrescentaria outra camada à experiência cotidiana dessas mulheres, nas quais garantir a permanência na fábrica se tornaria ainda mais vital. Com nosso recorte, e diante da escassez de recursos materiais e simbólicos, formas alternativas de proteção e cuidado seriam ainda mais importantes, considerando que caberia às mulheres a tarefa de compensar essas ausências. Contudo, embora essas redes de solidariedade fossem fundamentais para a manutenção da vida, o casamento e a gravidez frequentemente

implicavam no afastamento das mulheres do trabalho na fábrica, em função da influência de valores hegemônicos do período relacionados aos papéis de gênero (Herrera, 2018).

Por fim, cabe ressaltar que os vínculos de apoio mútuo não são criados no campo da pena ou caridade, mas sim a partir da identificação com o outro, quando o *ele* torna-se *nós* (Azeredo, 2010). Reconhecer-se no outro-semelhante é perceber que ele compartilha angústias e prazeres similares aos seus, ainda que cada indivíduo guarde um mundo de subjetividade dentro de si. O ritmo frenético exigido pelo sistema capitalista esgota e permite pouco tempo para a elaboração do vivido. Porém, nos encontros dos fazeres cotidianos, solos férteis para a escuta, elaboração, construção de subjetividade e identidade poderiam surgir. É também por meio da confluência que nos constituímos.

Ao experimentar no corpo o acolhimento mútuo e a escuta, percebi que a solidariedade entre mulheres não é apenas um conforto pessoal, mas também um espaço de formação política e possibilidade de compreensão e enfrentamento das estruturas de dominação. Ao revisitar essa memória particular à luz de outras referências, pude perceber, além da teoria, a importância de ser amparada pelo coletivo e nomear a opressão a partir da fala de outras mulheres, reconhecendo ressonâncias em nossas vidas e entendendo-as como humanas, com suas dificuldades, incertezas e coragem. Ao mesmo tempo, compreendi o quanto unir-se politicamente não é só uma ação corajosa ou uma busca por mudança garantida; às vezes, esse movimento é atravessado pelo medo e pelas incertezas.

6.4 Rua: quando o cotidiano se faz luta

Os afetos costurados no cotidiano não só construíam redes de apoio, como também poderiam ser a faísca para uma mobilização coletiva. Como destaca Fraccaro (2017), a atuação das mulheres para questionar as relações de trabalho a que estavam submetidas frequentemente se dava em formas de sociabilidade que não se encaixavam nos padrões sindicais. Essa escolha por espaços alternativos de sociabilidade — família e vizinhança — parecia oferecer conforto e alguma segurança para aquelas cujas condições de vida e trabalho frequentemente colocavam sua honra e dignidade em questionamento. Os estereótipos de gênero permearam também os sindicatos. Por vezes, dentro da própria luta operária, a mulher era vista como um indivíduo destinado à criação dos filhos e seu papel na revolução seria o de companheira do homem proletário (Fraccaro, 2018). Mas isso não significa que elas não participassem de mobilizações coletivas ou não se organizassem para que suas demandas

fossem atendidas. Seus encontros poderiam semear a percepção de que as dificuldades, opressões e injustiças eram coletivas. Compartilhar angústias é perceber aquilo que me afeta também afeta o outro. Não é dor individual: é opressão sistêmica.

Ao conversar com outra operária sobre com quem deixar seus filhos, como o tempo excessivo empregado na fábrica tornava ainda mais difícil o trabalho fora dela, ou como a fome era sempre um medo à espreita, um senso de identidade coletiva poderia se fortalecer. Nessa perspectiva, a realidade poderia ser lida como manipulável, auxiliando no movimento à ação. Quantas reivindicações nasceram não apenas nas grandes organizações chefiadas por homens, mas também na partilha diária, quando a luta cotidiana tornava-se luta organizada e política? Segundo o Boletim do Departamento Estadual de Trabalho (*apud* Fraccaro, 2018, p. 83), as mulheres e meninas compunham quase 72% da força de trabalho no setor têxtil. Essa expressiva presença sugere que uma mobilização coletiva seria muito improvável sem contar com as mulheres. Assim, as operárias não só desbordavam os contornos do ideal burguês ao ocupar o espaço público por meio do trabalho assalariado, mas também por meio da luta.

6.5 Igreja: encontro com o ideal sacralizado

Aos domingos, o apito cala. A operária, ainda cansada, escolhe o melhor vestido, lavado na folga anterior, na beira do rio. Põe-se a caminhar até a missa. Ao sair da vila, percebe ausências: algumas de suas companheiras preferiram ficar, cada uma com suas próprias negociações com o sagrado. O vestido escolhido com carinho gruda na pele suada. O medo de andar sozinha gruda nas entranhas. Ao finalmente avistar a fachada da igreja, expira com alívio. O pároco já iniciou o sermão, evocando Maria como símbolo de virtude: mãe amorosa, que ganha valor e se realiza por meio do filho; esposa dedicada, cuidadora zelosa do lar, abnegada e pura.

A devoção mariana — carregada de sentidos múltiplos e ancoragem para tantos, composta por diferentes nuances — aparece aqui convertida em medida de feminilidade ideal. Como esse discurso é recebido pela operária? O ganho do próprio salário, o tempo gasto na fábrica, já embaralha e dificulta o atendimento dessa moral. Existe um abismo entre o ideal e o concreto. Nas operárias poderiam se assentar zonas de culpa, negociação, redefinição ou recusa? Ela cabe inteira nessa moldura ou arestas escapam?

Se, no cotidiano, as operárias experimentavam formas de autonomia — fosse pelo salário ou pelos vínculos afetivos menos normatizados — essa mesma autonomia era frequentemente colocada em xeque pelo olhar da sociedade, que insistia em vigiar e punir as mulheres que escapavam dos modelos tradicionais de feminilidade. O trabalho feminino, mal remunerado, custando em média 30% menos que o dos homens (Fonseca, 2004), era uma realidade nas fábricas e passou a ser debatido no período. O ambiente fabril era tido como um local regido por regras de conduta masculina, o que poderia macular a suposta feminilidade e inocência da mulher. O trabalho, ainda que necessário para a sobrevivência das famílias, não poderia afastar a mulher de sua vocação natural, e seus gestos ainda deveriam performar uma certa feminilidade mesmo no ambiente de trabalho (Bilhão, 2008).

Às operárias recaía o julgamento do abandono à família. Julgamento feito pelos setores da sociedade interessados em manter o *status quo*, por outras mulheres e, às vezes, até pelos homens de sua classe. Considerava-se que seus filhos estariam abandonados, sem cuidado e sem a mãe para educá-los moralmente. Filhos sem acesso à educação moral, por sua vez, eram considerados um perigo para a sociedade como um todo. Não bastava à mulher operar máquinas ou manter o lar funcionando, pois ela precisava, ainda, corresponder a um ideal moral inatingível. Quando não o fazia, poderia ser responsabilizada pelas ruínas da sociedade. Esses julgamentos extrapolavam o cotidiano doméstico e ganhavam notoriedade na imprensa, como no jornal sorocabano *Cruzeiro do Sul*:

Quanto mais penetramos no conhecimento dos males profundos, que cavam os alicerces da sociedade actual pela obliteração da moral christian, tanto maior é a consideração, que desejamos voltar aquelles, que guardam, como em sagrado deposito, os fundamentos solidos da verdadeira moral, synthetisada nos preceitos da lei divina.

Se procurarmos a origem de taes males encontral-a-hemos na falta de educação christian da mulher. Ninguem ignora que da boa ou descurada educação da mulher depende o bem, ou o mal estar da sociedade. (Cruzeiro do Sul, C.S. Sênior, edição 78, 16 de março de 1904, p.1, grifo nosso).

Diferentemente do homem em situação semelhante, a operária não seria admirada como boa trabalhadora, mas teria de se defender das acusações de ser uma mãe e esposa relapsa (Fonseca, 2004). Segundo o ideal burguês, portanto, à mulher caberia o trabalho de reprodução e cuidado. Esse ideal de feminilidade e de família era afetado pela presença feminina no mundo do trabalho, abalando os contornos do público (universo masculino) e do

privado (universo feminino). E quanto mais esses contornos se tornavam turvos, mais a sociedade burguesa cobrava a permanência feminina no lar (Méndez, 2005).

Portanto, é possível inferir que a mulher operária não era, de modo algum, alheia à moral oficial responsável por regular os papéis de gênero. Seja na Igreja, no encontro com uma outra mulher dedicada unicamente ao cuidado do lar ou por meio da imprensa, a cobrança por performar uma certa feminilidade se fazia presente. Sua realidade, no entanto, não possibilitava o cuidado constante do marido, dos filhos e da higiene da casa. Como em outros contextos de mulheres empobrecidas, a chefia de suas casas poderia ser ocupada pela mulher mais velha e não por uma figura masculina (Dias, 1984)⁴. Seus relacionamentos amorosos podiam ser mais fluidos, e as negociações feitas diariamente pelas operárias só podem ser imaginadas. Poderiam curvar-se, ou pelo menos tentar, ao ideal conservador sobre família e mulher, mas também encontrar e experimentar brechas e pontos de tensionamento nesse ideal. Algumas, talvez, negassem com convicção esse padrão, buscando distanciar-se dele, embora às vezes tropeçassem sem perceber onde. No mesmo dia e em situações diferentes, poderiam performar distintas formas de feminilidade. E entre essas possibilidades existem outras tantas: assumidas com firmeza, hesitação, experimentação, indiferença, reinterpretação.

Ao pensar no ideal burguês, penso em minhas próprias contradições: busco me afastar dessa moldura, mas às vezes a performo de modo consciente ou inconsciente, em espaços que oferecem validação ou aceitação. Mesmo tentando estar atenta, vejo-me engolida por lógicas de dominação sem perceber. Hesito, titubeio, vacilo, avanço. Tomando como guia Geni Núñez: “rio ao pensar que, por mais que digamos ‘errei, da próxima vez vou tentar diferente’, a próxima pode não ser a mesma e com isso podemos errar de modo sempre novo” (2024, p.117). Como para as operárias, criar-se é uma artesanaria diária, negociação entre o esperado por outros e o desejado por nós.

⁴ A obra *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, de Maria Odila Dias, dedica-se a analisar os papéis exercidos pelas mulheres marginalizadas pela historiografia tradicional durante a urbanização de São Paulo. A historiadora aborda o cotidiano dessas mulheres, muitas vezes solteiras e chefes de família, atuando como quitandeiras, lavadeiras, pequenas comerciantes, entre outras. Embora não tenha sido utilizado de forma direta, o texto foi um disparador, nos fornecendo insights importantes sobre aspectos que encontram paralelos na vida das operárias, sobretudo na análise dos laços de vizinhança como exercício para a manutenção da vida.

6.6 Rio: vozes, lazer e trabalho

Ao se aproximar do rio próximo a vila operária, o que a recebe primeiro são os sons: roupas sendo batidas, risos, cantos, conversas que ainda não podem ser distinguidas, murmúrios. Ao se aproximar ainda mais da margem, já se pode sentir o cheiro de terra molhada e dos frutos, folhas e sementes esmagadas, usados como sabão. É possível vislumbrar também algumas roupas penduradas em varais improvisados ou estendidas no chão. Diferentemente dos outros dias da semana, o rio recebe menos lavadeiras, somente algumas, tentando dar conta do grande volume de peças e compensando os dias em que não puderam trabalhar por causa da chuva.

As crianças, seguindo a operária, vibram ao avistar; na margem um pouco mais distante, as cores de uma lona de circo gasta e um pouco ofuscada pelo reflexo da luz do sol na água. Ao, enfim, sentar-se à beira do rio e apoiar o próprio cesto de roupas no chão, ela pede às crianças que brinquem onde possa vê-las. Elas não devem perturbar os animais que ali bebem, nem ir muito longe, rumo ao ponto onde os pipeiros geralmente retiram a água para abastecer a cidade. Finalmente, começa a bater suas roupas e as da família. Os frutos irritam sua pele, e o esfregar constante faz mãos e costas arderem. Ao lado, ainda pode ouvir os sons produzidos pelas lavadeiras.

Como seria esse encontro? Preenchido por trocas e confidências? Por um silêncio compartilhado ou opressor? Por reconhecimento ou por um olhar que julga? Ao terminar de lavar e secar, grande parte do dia já se foi, e dos dias de folga das operárias pouco se sabe. Restam imagens soltas: caminhar ou não até a igreja, a roupa sendo batida, as crianças brincando, o encontro com outras trabalhadoras, assistir aos maridos e filhos jogarem bola no campinho improvisado. E o que era descanso, sabendo que, ainda assim, o corpo não pararia? Roupas para lavar, casa para limpar, comida para preparar. Não há como saber como era a vida íntima das operárias, como preenchiam seus dias com sua subjetividade. Diante de tão pouco, até imaginar o que poderia ter existido se torna difícil. E, quando menos se espera, o dia seguinte surge, o apito corta o ar e tudo começa outra vez: a fábrica, as mãos calejadas, o corpo dobrado sobre a máquina.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo inicial da pesquisa era investigar, por meio do cotidiano, os sentidos relacionados ao ser mulher produzidos pelas operárias, suas performances do feminino e negociações com o ideal burguês. No entanto, acessar essa teia complexa de significados se revelou um desafio. Existe um significado socialmente construído do que é ser mulher — solidificado no ideal burguês de feminilidade. Mas os sentidos particulares dessa experiência se constroem a partir do cotidiano, do trabalho, das relações, das escolhas e das impossibilidades de cada uma. Para gerar sentido, algo precisa ser elaborado, sentido e digerido, e essa complexidade, gestada no âmago do outro, não é acessível. O que é negociado internamente não pode ser visto. O que se tem são fragmentos de um cotidiano possível e sobre os quais é possível questionar: o que é ser mulher para quem trabalha por longas horas? Para quem se organiza com outras mulheres em busca de direitos? Para quem se aproxima ou se afasta das normas familiares? Para quem vive afetos não previstos?

Nesse cotidiano, observamos o que escapava da moldura do ser mulher guiado pelos estereótipos de gênero. Já não cabia ao marido o papel exclusivo de provedor: o sustento vinha também das mãos da mulher operária e da solidariedade entre vizinhas. O ideal burguês escapava quando a solidariedade cotidiana virava ação política e a vida pública não era vista como possibilidade feminina. Quando, para trabalhar, era preciso deixar o filho com outra pessoa. Quando se anda sozinha, sem a companhia de um homem. Quando se lava a própria roupa no rio. É na pequenez cotidiana que se revela a impossibilidade de atender a um ideal de mulher criado por terceiros. E nem sempre esse não atendimento era recusa firme; por vezes, era só impossibilidade.

Por fim, dizer sobre o outro é sempre um desafio, ainda mais quando esse outro escapa. Há o risco de projeção: atribuir a essas mulheres expectativas, desejos e posicionamentos que não lhes pertencem. Criar o que se gostaria que tivesse acontecido para que a história ficasse mais bonita. Qualquer narrativa é um recorte, ainda assim, não desejei criar um texto idealizado. Não falamos sobre um grupo unívoco, tampouco dual, entre mulheres que incorporam o discurso conservador e vozes libertárias que se sobrepõem ao barulho das máquinas. Por serem humanas, são embebidas em contradições e, ainda assim, essas contradições não invalidam nem diminuem suas ações. A forma como racionalizavam algo talvez não correspondesse necessariamente à forma como agiam no mundo. Poderiam se desunir mesmo enquanto buscavam a união.

As reivindicações por melhores salários, pela redução na jornada de trabalho ou por um espaço para deixar os filhos poderiam representar mais uma necessidade pulsante do cotidiano do que uma ação organizada por uma tomada de consciência política e, ainda assim, eram reivindicações políticas, pois o viver assim o é. Organizar-se para cuidar umas das outras não impedia que houvesse julgamentos e escolhas sobre quem acolher e quem não ajudar. Ser mulher pobre não impedia, por vezes, de nutrir distanciamentos em relação a outras, tampouco de se reconhecer nesse outro e ali plantar gentileza. Ou ainda, não impedia a construção de relações incertas, que dançavam entre avanço, receio e tropeço. Nem mártires, nem revolucionárias: cotidianas.

Referências

Jornais

Cruzeiro do Sul. Sorocaba, 1903-1910. Disponível em: <https://digital.jornalcruzeiro.com.br/pub/cruzeirodosul/?flip=acervo>. Acesso em: 23 de maio de 2024.

Teses, artigos e livros

AZEREDO, Verônica Gonçalves. Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres. **Serviço Social & Sociedade**, n. 103, p. 576–590, jul. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ytN3F4Y7zJJG7rn5NBbkHdG/abstract/?lang=pt>. Acesso em 22 de outubro de 2024.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967

BILHÃO, Aparecida Isabel. Mulheres operárias na Porto Alegre da virada do século XIX para o XX. **Vestígios do Passado**: a história e suas fontes. [s.ed.] 2008. Disponível em: https://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1210989240_ARQUIVO_TextoCompIeto-ANPUHRS.pdf. Acesso em 9 de setembro de 2025.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro. Discursos do progresso e persistência da tradição: a remodelação urbana de Sorocaba (1914-1921/1938-1943). **Politeia-História e Sociedade**, v. 6, n. 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3896>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Tá vendo aquele edifício, moço?** lugares de memória, produção da invisibilidade e processos educativos na cidade de Sorocaba. 2017. 221 f. Dissertação de Mestrado. Curso de Educação, Ufscar, Sorocaba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8969>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.



FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 447-485.

FRACCARO, Glaucia. Mulheres, sindicato e organização política nas greves de 1917 em São Paulo. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 76, p. 73–90, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/THvpNy5TDW34ZgVDKgCFvBR/abstract/?lang=pt>. Acesso em 9 de setembro de 2025.

FRACCARO, Glaucia. **Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Trad. José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n.3, p. 12-33, 2020. Trad. Marcelo R.S. Ribeiro e Fernanda Silva e Sousa. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640 . Acesso em: 8 de janeiro de 2025.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo, Elefante, 2019.

HERRERA, Henrique Martines. **Manchester Paulista? Formação de Classe e Lutas de Trabalhadores e Trabalhadoras Têxteis Em Sorocaba, 1890-1930**. 2018. 308 f. Dissertação de Mestrado. História, Universidade Federal de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/24c51277-a92d-400a-8c26-a8f063ad0f66> . Acesso em: 04 de novembro de 2024

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MASSARI, Marco Antônio Leite. **Arquitetura industrial em Sorocaba: o caso das fábricas têxteis**. 2011. 154 f. Dissertação de Mestrado. Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13012012-113516/pt-br.php> . Acesso em 10 de outubro de 2024

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Mulher e Trabalho**, v.5, 2005. p. 51-63. Disponível em: <https://cdn.fee.tche.br/mulher/2005/artigo3.pdf> . Acesso em 9 de setembro de 2025.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, 2019. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6kxbrTgBwDptJJz9t9RCjRB/abstract/?lang=pt>. Acesso em 9 de setembro de 2025.

NÚÑEZ, Geni. **Felizes por enquanto**: escritos sobre outros mundos possíveis. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista 1890-1930. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 507-531.

RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos; PIRES, Isabelle Cristina da Silva. “A alma da mulher brasileira explodiu em vibrante protesto”. Condições de trabalho feminino e formas de resistência em fábricas têxteis do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. **Trashumante Revista Americana de Historia Social**, n 12, p. 54-75, 2018. Disponível em: https://revistatrashumante.com/avada_portfolio/numero-12/. Acesso em 04 de outubro de 2026.